

CAMINHAR COMO UMA PRÁTICA SEMIÓTICA: PRIMEIROS PASSOS

WALKING AS A SEMIOTIC PRACTICE: FIRST STEPS

DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e19288

Alexandre Marcelo Bueno¹

Resumo: Diversos semioticistas se debruçaram sobre a questão da prática no cotidiano. Mesmo sem citar nominalmente, uma possível questão que eles abordam é a do caminhar. O objetivo deste trabalho é, assim, pensar no conceito de caminhar enquanto uma prática semiótica. Para isso, este trabalho está dividido em três seções: uma referente às diferentes concepções de espaço na semiótica; outra a respeito da noção do caminhar; e uma terceira com questões metodológicas a serem enfrentadas. Esperamos assim propor linhas iniciais para o debate sobre uma metodologia para a análise do espaço da cidade por meio da semiótica.

Palavras-chave: caminhar; espaço; cidade; semiótica.

Abstract: Various semioticians have looked at the question of practice in everyday life. Even without naming names, one possible issue they have addressed is that of walking. The aim of this paper is therefore to think about the concept of walking as a semiotic practice. To this purpose, this work is divided into three sections: one on the different conceptions of space in semiotics; another on the notion of walking; and a third on the methodological issues to be addressed. In this way, we hope to propose initial lines for the debate on a methodology for analysing city space through semiotics.

Keywords: walking; space; city; semiotics.

Introdução

No curta-metragem *Walker* (2012), do diretor malaio Tsai Ming-Liang, vemos o contraponto entre o andar lento de um monge budista em meio ao ritmo acelerado de pessoas e carros no espaço público de Hong Kong. Trata-se de um chamado para repensar a automatização da vida cotidiana das grandes cidades e de seus valores voltados para a produção acelerada e a eficácia. Em um espaço completamente contrário ao da agitada Hong Kong, encontramos no documentário *Sob constante ameaça* (2018), dos jornalistas brasileiros Andrea Dip e Guilherme Peters, o registro do percurso de mulheres que andam em lugares escuros e ermos do centro velho de São Paulo, na saída solitária de seus trabalhos noturnos em escritórios

¹ Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP, professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e-mail: alexandre.bueno@mackenzie.br / alexandrebueno@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>.

em que predomina a tensão pelo risco de se andar sozinha até uma estação de metrô ou um ponto de ônibus na metrópole paulistana. No documentário, é o caminhar acelerado e tenso que aparece como forma de se evitar qualquer tipo de violência a qual as mulheres estão, infelizmente, sujeitas. Em um ritmo distinto dos demais mencionados, percebemos a profusão do gênero *walking tour* (Walks, 2023), que cria um simulacro da primeira pessoa como uma forma inserir os narratários por meio do caminhar por grandes cidades, em diferentes horários e dias, criando um efeito de subjetividade no meio digital.

Esses três breves exemplos nos apresentam diferentes possibilidades sobre como o caminhar pode ser representado e como pode ser objeto de reflexão. Contudo, eles não esgotam as possibilidades de se compreender uma questão que nos parece, inicialmente, tão banal. Pelo contrário, eles são apenas um ponto de partida para se pensar como o caminhar – objeto deste trabalho² – é um fenômeno dotado de significações variadas. Mais ainda, o caminhar nos permite pensar em como a semiótica pode auxiliar na compreensão dessa prática em decorrência da ampliação do escopo de objetos analisados que alguns semioticistas têm realizado nos últimos anos.

Assim, a semiótica tem enfrentado o desafio de examinar o funcionamento e a organização dos sentidos para além da noção convencional de texto derivado/produzido de uma das duas macrossemióticas (nesse caso, das línguas naturais). Em nosso entendimento, a semiótica volta-se com o mesmo interesse para a outra grande macrossemiótica (a do mundo natural) para compreender como determinados sentidos são igualmente passíveis de análise pela teoria criada por Algirdas Julian Greimas.

Para isso, distintas propostas têm aberto caminhos para se compreender fenômenos da significação diversos, como a experiência e as situações. Eric Landowski, por exemplo, em seu texto “O olhar comprometido” (2001), discute o estatuto de objetos fechados (o texto como objeto que veicula e manifesta a significação) e objetos abertos no qual a experiência do próprio sujeito é passível de uma semiotização a partir da interação com o “mundo” e cuja enunciação em ato envolve uma instabilidade e imprevisibilidade que escapa à fixidez imposta pela noção fechada de texto.

Jacques Fontanille (2008), por seu turno, apresenta a proposta teórica das práticas semióticas articuladas nos níveis de pertinência, na qual se estabelece uma cena predicativa em que sujeitos interagem entre si e com objetos, em uma outra versão a respeito da narratividade

² Evidentemente, é possível pensar ainda em outras formas de usar o espaço, como o correr, o sentar-se, o deitar-se etc. Mas essas serão formas de uso do espaço a serem consideradas em um trabalho futuro.

fundante da semiótica greimasiana em que outros sentidos e significações são articulados e passíveis de análise pela teoria semiótica. Seu modelo teórico integra o texto e o ultrapassa para analisar fenômenos como as estratégias e os estilos de sujeitos em interação em um contexto igualmente semiotizado.

Além disso, devemos ainda nos lembrar dos trabalhos de Jean-Marie Floch (1985, 2009), que focam sobretudo na dimensão visual e plástica, mas que também elaborou estilos de usuários de metrô (2023), ou seja, sujeitos que ocupam e percorrem espaços fechados como uma estação do metrô. E há ainda os trabalhos de Manar Hammad que discute o papel do espaço na ação dos sujeitos, tal como o seu já consagrado trabalho sobre a cerimônia do chá (2005) ou o estudo semioarqueológico de uma cidade (2010), entre outros.

Os estudos do espaço urbano têm encontrado na semiótica discursiva uma teoria na qual se torna possível explicar certos fenômenos da significação ligados à espacialidade e à presença dos sujeitos no espaço urbano. Esse é o caso dos trabalhos de semiotistas da escola italiana, como Francesco Marsciani (2016), que propõe uma etnossemiótica na qual se deve observar, descrever e analisar situações em ato, como uma consulta médica, uma barbearia, uma praça etc. Para este semiotista, o importante é observar como as linguagens interagem entre si no momento mesmo em que são realizadas no espaço. Já Gianfranco Marrone (2013, 2015) desenvolve estudos a respeito da cidade e apresenta modos pelos quais a semiótica pode ser um instrumento importante de análise. Podemos ainda mencionar Izabella Pezzini (2013) e seus estudos sobre paisagens semióticas, que encaram o espaço urbano como um texto sincrético. O que todos os semiotistas mencionados têm em comum é o mesmo fundo teórico: a semiótica greimasiana, em um afastamento ou uma proximidade maiores, a depender de cada proposta. Obviamente, a lista de semiotistas que refletem e analisam o espaço ultrapassa em muito os limites deste artigo. Por isso, nossas menções recaem em trabalhos que poderão nos auxiliar no debate que desejamos apenas iniciar com este artigo.

O presente texto tem por objetivo apresentar algumas questões levantadas a respeito do caminhar. Tomado como uma prática em uma determinada cena predicativa, o caminhar é, assim, uma enunciação em ato. Por essa razão, é preciso recuperar a proposta feita na década de 1980 por Michel de Certeau a respeito da enunciação pedestre em seu já clássico *A invenção do cotidiano* (1991). Nossa proposta se insere, igualmente, em uma semiótica que investiga elementos do mundo natural. Ademais, o caminhar dialoga especificamente com os estudos sobre o espaço urbano aberto (e não em espaços fechados, como o museu, uma loja ou ainda no caminhar do campo, entre outras possibilidades que se abrem com a noção de caminhar).

Este artigo está dividido em três partes. Iniciamos com uma discussão a respeito dos conceitos de lugar, espaço, paisagem e território para organizar algumas propostas sobre esses termos para a semiótica. Em seguida, passamos para a questão do caminhar e sua articulação com o espaço. Por fim, apresentamos algumas questões a respeito da metodologia que pode ser empregada para esse tipo de pesquisa, sem, contudo, chegar a uma proposta definitiva.

De uma maneira geral, o que nos motiva é, mais do que fechar questões, dar os primeiros passos na abertura caminhos teóricos e metodológicos para trabalhos (de campo) futuros a respeito do caminhar e de outras formas de produzir, ocupar e usar o espaço.

1 Lugar, espaço, paisagem e território: limites e confrontos conceituais

Uma discussão necessária quando se pensa na questão do caminhar como uma prática semiótica é a definição do espaço. Nesse quesito, a semiótica já produziu muitos estudos e reflexões. Além disso, autores que de alguma forma dialogam com a semiótica, apesar de não se assumirem como semioticistas, trazem importantes contribuições para se pensar no tema do espaço.

Vamos iniciar, então, nossas considerações com a proposta de Greimas em seu texto seminal “Por uma semiótica topológica” (Greimas, 1981), no qual o mestre lituano estabelece uma oposição fundamental entre extensão vs. espaço, em que o primeiro termo é tomado como uma continuidade, enquanto o espaço já é dotado de sentido, uma vez que sua base está assentada na descontinuidade. Desse modo, nos postulados de um estruturalismo clássico baseado na oposição discreta dos termos, Greimas desenvolve sua proposta a partir da ideia de que é a diferença que funda a significação, incluindo os sentidos espaciais.

Ainda nessa linha, Greimas toma o espaço, inicialmente, como um significante, ou seja, como um plano da expressão que manifesta o que ele chama de significado cultural, na medida em que, segundo sua hipótese, seria possível examinar a inscrição da sociedade por meio da espacialidade que ela produz. Em outras palavras, o modo como a espacialidade é articulada seria um modo de acessar os sentidos que definem uma sociedade por meio dessa elaboração espacial. De todo modo, é somente por meio da correlação entre significante espacial e significado cultural que se poderia encontrar o que ele nomeia como objetos topológicos, conforme se observa no trecho abaixo:

Tudo se passa como se o objeto da semiótica topológica fosse duplo, como se seu projeto pudesse ser definido ao mesmo tempo como inscrição da sociedade no espaço e como leitura desta sociedade através do espaço. Duas dimensões, que denominamos provisoriamente significante espacial e significado cultural, parecem assim

constitutivas desta semiótica, dimensões susceptíveis de serem tratadas de maneira autônoma, mas somente a sua correlação permite construir objetos topológicos (GREIMAS, 1981, p. 118).

O que Greimas chama de significado cultural pode ser entendido como uma axiologia do espaço que envolve três dimensões: o estético, o político e o racional. É por meio da articulação entre essas três isotopias que Greimas vai propor a ideia de um modelo ideológico da cidade, fonte dos discursos míticos que caracterizam uma determinada formação urbana. Em suma, para Greimas, a despeito da possibilidade de se examinar cada um dos planos de modo independente, é na homologação dos dois planos que se pode pensar, de modo mais completo, na composição da linguagem espacial urbana, na medida em que o espaço é, então, uma linguagem dotada de significação.

No entanto, a proposta de Greimas considera apenas a dimensão inteligível do espaço da cidade. Para seguirmos nessa linha, podemos pensar na entrada da dimensão sensível de modo mais marcado a partir do modelo pensado por Eric Landowski (2015). Rede, Tecido, Voluta e Abismo são quatro formas de espaço propostas pelo semiótico francês a partir de seu regime de interação e sentido. Do lado do inteligível, temos o Tecido como um espaço programado, enquanto a Rede é o espaço da manipulação (e da circulação de objetos). Já do lado do sensível, o abismo é caracterizado pelo regime do assentimento (acidente) e a Voluta é o espaço do ajustamento. O que importa reter, nesse momento, é a concepção pressuposta de que o espaço pode se organizar previamente à presença dos sujeitos que vão percorrê-lo.

A ideia de que o espaço já possui uma significação previamente estabelecida aparece também na proposta de Izabella Pezzini no que ela nomeia de paisagens semióticas. Para a semiótica italiana, uma paisagem semiótica desenvolve uma dimensão metodológica que:

(...) envolve a atenção para a dimensão histórica dos lugares, uma abordagem perceptiva sobretudo visual, uma estratificação de questões relacionais que dizem respeito à identidade dos sujeitos e de suas relações de poder. Além disso, a escolha deste termo manifesta, como já dissemos, a vontade programática dos analistas em focar, ao mesmo tempo, nas problemáticas do espaço dado e naquelas relacionadas à sua produção (PEZZINI, 2013, p. 2).

A paisagem semiótica pode trabalhar a questão dos sentidos históricos de um espaço, uma necessária aproximação perceptiva (sobretudo visual, mas também sonora, olfativa e tátil), um entendimento sobre a construção identitária que envolve igualmente relações de poder, tanto pública como dos grupos sociais envolvidos, assim como a ideia de constante reelaboração do espaço e da reinvenção de sentidos ligados a uma determinada localidade nas quais a linguagem e o discurso possuem papel privilegiado, mas não hierarquizado em termos de importância. De

todo modo, a paisagem semiótica é concebida como texto e, mais do que isso, como um texto sincrético. Assim, a proposta teórica de Pezzini mantém a coerência epistemológica da semiótica por recuperar, indiretamente, a proposta de Greimas:

(...) recusando a visão tradicional segundo a qual uma cidade é uma coisa, um complexo de objetos vivido e percebido pelos homens, ela a substitui por uma concepção da cidade-texto, feita de homens e de coisas, de suas relações e interações: os sujeitos-homens cuja presença no texto é a única que pode dar conta de seu caráter significante, acham-se assim diferenciados do sujeito da enunciação, do produtor da cidade” (GREIMAS, 1981, p. 131)

No trecho acima, vemos a distinção que Greimas faz da cidade enunciada e da enunciação da cidade. A primeira é aquela na qual os sujeitos estão inseridos e produzem significação. A segunda se refere aos sentidos dados previamente pelo espaço por meio da enunciação urbana e que, de alguma forma, se ligam mais diretamente à proposta de Landowski anteriormente mencionada.

Uma outra elaboração teórica do espaço que parece dialogar com a reflexão greimasiana, apesar de não ser exatamente um semioticista, pode ser encontrada na obra de Michel de Certeau. O autor estabelece uma oposição entre espaço e lugar. A diferença da proposta greimasiana reside, justamente, no papel que o sujeito possui na definição de lugar, conforme trecho abaixo:

O espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um ‘próprio’./ Em suma, o espaço é um lugar praticado (CERTEAU, 1991, p. 184).

Um ponto importante mencionado por Certeau é a possibilidade de se observar programas narrativos contratuais ou polêmicos estabelecidos pelo próprio espaço aos sujeitos. Um lugar se define pelas potencialidades que ele comporta, mas que somente são realizadas pelos sujeitos. Quando são atualizadas e realizadas, o lugar se torna um espaço, cuja característica é negativa: não é nem estável nem unívoco. Em outras palavras, o espaço é produto de uma prática do sujeito, em que se pressupõe a existência de um tipo de acordo entre as duas instâncias. A significação espacial só se apresenta plenamente na medida em que um sujeito ou uma coletividade o praticam em suas possibilidades apresentadas aos próprios sujeitos, aspecto a ser mais bem desenvolvido na próxima seção.

Não basta apenas pensar no caminhar em si, mas por onde se caminha. Desse modo, é preciso também articular a relação entre o sujeito caminhante e o espaço no qual ele realiza sua prática de caminhar. Além disso, é preciso discutir a relação entre o sujeito e o espaço, se há ou não influência mútua de sentidos, uma vez que o próprio espaço e, sobretudo, o espaço urbano, já é produto de programas narrativos anteriormente realizados para a construção do próprio espaço a ser praticado pelos seus potenciais usuários. Por isso, é preciso articular essa relação para, assim, pensarmos nas subjetividades individuais e coletivas construídas no espaço da cidade, pelo viés da ação e da paixão, ou seja, pelo inteligível e pelo sensível, assim como nos modos pelos quais o espaço também influencia o sujeito, em sentidos previamente dados que podem ser aceitos, recusados ou subvertidos, na linha do que pensava Certeau.

Jean-Didier Urbain (2014) apresenta um interessante desenvolvimento a respeito das noções de espaço, lugar e território a partir das quais podemos dar mais um passo em nossa discussão. O autor começa seu artigo retomando a oposição de Greimas entre espaço vs. extensão para, em seguida, passar pela diferenciação entre espaço e lugar proposta por Michel de Certeau (“Espaço é um lugar praticado”). Desse modo, segundo Urbain, o lugar é uma grandeza genérica, organizada anteriormente ao espaço, que por conseguinte é uma grandeza específica e cujo uso o reorganiza. Contudo, para inserir e desenvolver a noção de território, Urbain inverte a definição de Certeau.

O autor pode, assim, discutir a integração da noção de território a partir da oposição lugar/espaço em buscar de uma teoria das “espécies de espaços”. Voltando à oposição semiótica original, a extensão é, segundo o autor, uma grandeza “nativa” hipotética anterior a qualquer “estigmatização estruturante” material ou não. A extensão só interessa à semiótica quando ela se torna uma extensão articulada em espaços. Ele então inverte a ordem de Certeau (lugar/espaço) para espaço/lugar para tentar compreender a relação entre extensão/espaço/lugar, entendendo essa relação triádica como um processo de especificação da espacialidade, na qual se estabelece uma hierarquia que pode acolher a noção de territorialidade.

Entre lugar e território, é o programa narrativo que faz a diferença, tal como propõe Greimas e Certeau. Desse modo, é o programa narrativo (e o programa de uso) que declina os espaços em lugares ou territórios, segundo os olhares ou os desejos dos sujeitos. Consequentemente, a oposição entre lugar vs. território é, segundo Urbain, uma isotopia que envolve duas fenomenologias rivais, duas vivências concorrentes do espaço, dois modos de ser, duas formas de existência. Esses pares articulam também a diferença entre sociedades sedentárias e sociedades nômades. As sociedades sedentárias são sociedades do lugar

(compostas por homens da terra, do campo, homens-raízes) enquanto as segundas são sociedades do território (móveis, compostas por homens de passagem).

Percebido ou vivido, o lugar é um espaço denso, conforme proposto por Urbain (2014), formado pela expansão ou retenção, enquanto o território é um espaço de extensão formado pela expansão ou pela dispersão. O sedentário, por conseguinte, é um usuário fixado no espaço (ele encontrou seu lugar), enquanto o nômade é um usuário móvel do espaço (que percorre seu território). Onde o lugar localiza, o território delimita. Essas diferenças determinam comportamentos e projetos de uso dos sujeitos.

Nesta seção, partimos de algumas definições de espaço em Greimas, Landowski e Pezzini para introduzir uma primeira observação a respeito da importância do sujeito na relação com o espaço. Brevemente, podemos então afirmar que há significações dadas previamente pela linguagem espacial, mas cujo estatuto se mantém como potência. Assim, os sentidos de um determinado espaço só se realizam a partir da entrada do sujeito, que pode acatá-las, refutá-las ou mesmo alterá-las conforme seu uso e prática. É a partir desses aspectos que desenvolveremos, assim, na próxima seção, as relações entre o sujeito e o espaço para entendermos um pouco mais como a prática do caminhar pode ser desenvolvida.

2 Caminhar: (re)construção do espaço pelo sujeito

Após discutirmos algumas questões relacionadas ao espaço, iniciamos esta seção com um trecho de Michel de Certeau (1991), na qual ele trata diretamente da noção do caminhar:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar - uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (CERTEAU, 1991, p. 170).

Na relação entre lugar e espaço, Certeau afirma que este é o lugar ainda não praticado, ou seja, o lugar só obtém seu estatuto na medida em que ele é construído pela prática de sujeitos, tal como vimos na seção anterior. Consequentemente, o trecho acima reforça a ideia de que o caminhar é a ausência de lugar ou, em outras palavras, é o espaço não percorrido, não praticado. Além disso, o caminhar tem o mérito de ser fundante da cidade, no entendimento de Certeau, na medida em que se criam redes (tecido urbano) do que se torna a cidade (mas não o lugar). Nesse sentido, Certeau se contrapõe à ideia de uma enunciação da cidade, conforme proposto por Greimas.

De todo modo, o caminhar tem uma dupla função para Certeau: a de indicar uma falta para o sujeito (ausência de lugar) e de construir um espaço denominado abstratamente como cidade por meio dos múltiplos caminhares e deslocamentos promovidos pelos sujeitos. Se prosseguirmos nessa direção, podemos pensar que o caminhar é uma prática produtora de sentido, mesmo que seja um sentido programado, quase sempre automatizado, a partir do qual um sujeito se desloca de um ponto a outro.

Por mais óbvio que possa parecer, o caminhar pressupõe uma relação entre o sujeito caminhante e um determinado espaço. Greimas e Courtés (2008) apresentam, em uma definição sobre espaço, uma questão importante quando se pensa na inserção do sujeito em um dado espaço. No *Dicionário de Semiótica*, eles mencionam os comportamentos programados dos usuários do espaço e o uso que eles fazem dessa espacialidade segmentada. Assim, ao modo do que Landowski (2015) apresenta em relação à noção de Rede, há uma programação espacial na qual os sujeitos podem segui-la, ao aceitar um contrato tácito, proposto pela potencialidade do espaço.

Entretanto, como convém considerar os sujeitos humanos que são os usuários dos espaços, os seus comportamentos programados são examinados e relacionados com o uso que fazem do espaço. Essa inscrição dos programas narrativos nos espaços segmentados constitui a programação espacial, de ordem funcional, que aparece hoje como componente da semiótica do espaço que conquistou uma certa eficácia operatória. Abstração feita de seu caráter funcional, essa programação corresponde, grosso modo aos modelos de distribuição espacial empregados na análise dos discursos narrativos. (GREIMAS, COURTÉS, 2008, p. 178).

Greimas e Courtés (2008) afirmam que a ação dos sujeitos no espaço pode ser examinada por meio do esquema narrativo, o que se aproxima da proposta de Urbain vista na seção anterior, assim como a de Michel de Certeau. A diferença é que os semioticistas franceses focam em um espaço programado, mais funcional, enquanto o turistólogo francês vai pensar no território como um espaço que propicia a circulação dos sujeitos, tal como os nômades fazem. No entanto, com a proposta teórica de Landowski, como já visto, há outras possibilidades de uso do espaço pelos sujeitos, na medida em que se abre a possibilidade da dimensão sensível com a Voluta e o Abismo, assim como a própria ideia de manipulação espacial que está presente no conceito de Rede, que comporta ainda a circulação de objetos (ponto que não será levado em conta neste trabalho).

Além da relação entre um sujeito e diferentes formas de espacialidade, na qual ele executa diferentes programas narrativos, é possível pensar em outras consequências sobre essa

relação, como, por exemplo, a construção de distintas subjetividades, tal como propõe Gianfranco Marrone:

(...) espaços e sujeitos não existem enquanto tais para então encontrar-se e conjungir-se, ora por vontade, ora por destino; muito diferentemente, eles se constituem reciprocamente, são os polos de uma relação que os precede e, fundando-os, os transcende (MARRONE, 2015, p. 29).

Em suma, o caminhar é indissociável do uso espaço por um sujeito, mas o próprio espaço influi na subjetividade e, conseqüentemente, no modo de praticar o espaço pelo sujeito. Trata-se, assim, de uma relação recíproca que implica, então, pensar na constituição mútua do sujeito caminhante e do espaço.

Um importante ponto de partida para essa relação é justamente o texto de Jean-Marie Floch (2023) sobre os usuários do metrô de Paris. Em seu estudo, Floch chega a quatro estilos de usuários do metrô a partir, justamente, da segmentação espacial que ele realiza. De todo modo, mais do que os nomes consagrados (como agrimensor, sonhador, etc.), podemos recorrer aos conceitos mais abstratos, como percursos, trajetórias, passeios e encadeamentos, para refletirmos sobre como o caminhar se adequa ou não ao que havia pensado Floch, baseado na proposição inicial de Greimas a respeito da continuidade e descontinuidade fundantes do espaço (e das conseqüentes valorizações da continuidade, da descontinuidade, da não-continuidade e da não-descontinuidade). Em outras palavras, é ampliar o espaço do metrô para o espaço da cidade e, assim, observar se há estilos próprios de pessoas e grupos sociais no espaço urbano, ao se articular a subjetividade que é produzida pelo espaço e, ao mesmo tempo, produz espaços por meio da prática da caminhada.

Uma vez que a caminhada é um modo de se deslocar em um determinado espaço ou território, podemos voltar à proposta teórica de Certeau a respeito da enunciação pedestre.

Uma comparação com o ato de falar permite ir mais longe e não se limitar somente à crítica das representações gráficas, visando, nos limites da legibilidade, um inacessível além. O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função 'enunciativa': é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, 'contratos' pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é 'alocução', 'coloca o outro em face' do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores). O ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação (CERTEAU, 1991, p. 164).

Certeau faz um paralelo entre o ato de caminhar e a fala. Por isso, é esperado que o caminhar seja o produto de um sistema que permita ao sujeito realizar sua ação de caminhar, assim como o sujeito é capaz de enunciar a partir de um sistema linguístico dado. Ainda de maneira provisória, podemos aproximar a enunciação pedestre à obra de José Luiz Fiorin (1999) a respeito do sistema enunciativo, em particular na questão espacial. Fiorin aponta para a existência de dois tipos de espaço: o linguístico e o tópico (Fiorin, 1999, p. 262). É sobre este último que vamos nos deter. O espaço tópico é pluridimensional e articula as categorias de direcionalidade (verticalidade vs. horizontalidade / lateralidade vs. perspectividade) e englobamento (englobado vs. englobante).

Por conseguinte, as categorias são “dinamizadas” pelos movimentos de expansão e condensação (conceitos usados igualmente por Certeau). Além disso, o movimento pode ser simples ou complexo. No movimento simples, temos as seguintes operações: a) na direcionalidade, a expansão produz o afastamento e a condensação produz a aproximação (sendo que ambas as operações produzem a noção de distância); b) no englobamento, a expansão produz a extensão enquanto a condensação produz a concentração (e ambas produzem a noção de ocupação).

Nos movimentos complexos, produz-se um cruzamento entre categorias, ou seja, do direcional sobre o englobamento e vice-versa. Assim, temos, de um lado, um movimento direcional sobre relação de englobamento: expansão produz uma saída; a condensação produz uma entrada (e ambas se referem a uma transposição). Já o movimento de englobamento sobre uma relação direcional gera as seguintes categorias: a expansão produz dispersão; e a condensação produz uma reunião (ambas se referem a uma difusão). Em trabalhos futuros, pretendemos retornar às categorias enunciativas espaciais propostas por Fiorin para entendermos como o caminhar se situa em relação às possibilidades de categorias espaciais formalizadas de maneiras distintas no espaço da cidade. De todo modo, o caminhar como um enunciado se coloca, assim, em contraste ou em acordo com a enunciação da cidade, ou seja, no espaço formal já estabelecido pela existência da cidade.

Além dessas questões de fundo envolvendo sujeito e espaço, um outro elemento dessa relação pode ser destacado por Marrone quando ele se refere à dimensão passional. Assim, o semiótico italiano insere a variação passional e o devir como formas de constituição e desconstrução das subjetividades na relação com o espaço e a possibilidade de ressignificações por parte do sujeito em relação às potencialidades espaciais. Conseqüentemente, podemos afirmar que a relação entre sujeito e espaço não se desenvolve somente por meio de programas

narrativos, como Greimas, Certeau e Urbain postulam, mas igualmente de percursos passionais, nos aproximando ainda das propostas de Landowski a respeito do espaço. Assim, afirma Marrone:

O espaço urbano, em suma, surge como dispositivo de construção e desconstrução incessante da subjetividade individual e coletiva, onde corpos, espaços e tecnologias – mesclando-se em hierarquias variáveis – aparecem como atores de graus semelhantes, sujeitos precisamente, dotados de programas análogos de ação e de paixão (MARRONE, 2015, p. 32).

É nessa oscilação entre a subjetividade individual e coletiva em hierarquias variáveis envolvendo corpos, espaços e tecnologias são elementos a serem considerados, ainda, na próxima seção que tratará das questões ligadas à metodologia de pesquisa do caminhar.

Retornando a Greimas, em “Por uma semiótica topológica” (1981), podemos chegar até a discutir modelos de vida (ou formas de vida, como se diz atualmente) a partir da espacialidade, deixando em aberto a questão da experiência de vida urbana por meio da ideia de mensagens produzidas pelo espaço:

Como vimos, viver na cidade significa para o indivíduo ser o lugar para onde convergem todas as mensagens espaciais, mas é também reagir a estas mensagens, engajando-se dinamicamente nos múltiplos programas e mecanismos que o solicitam e que o constroem. Assim, em princípio, é elaborando um modelo de vida, uma representação semântica do que se entende por estilo de vida do cidadão que se pode esperar captar, pelo menos parcialmente, a estrutura do conteúdo do actante destinatário (GREIMAS, 1981, p. 138).

Por isso, estendendo um pouco mais a interpretação da proposta de Greimas, podemos afirmar que, ao caminhar, o sujeito produz distintos modos de reagir ao conjunto de mensagens espaciais, na medida em que o próprio sujeito faz parte do mecanismo de produção da cidade, como defende Certeau. Desse modo, buscar o que Greimas chama de modelos de vida é uma maneira de entender como o indivíduo e a sociedade se relacionam com o espaço urbano, assim como ele é igualmente construído e praticamente por esses mesmos sujeitos em sua vivência cotidiana.

Para fechar esta parte do texto, tomamos a proposta de Jacques Fontanille (2008) sobre as práticas semióticas. Ao propor os níveis de pertinência, que parte das figuras-signo para chegar até as formas de vida, o semioticista francês propõe que cada nível se caracteriza pela articulação entre uma forma e uma substância. O que caracteriza a passagem de um nível ao outro é a ideia de que a substância de um nível comporta os elementos formais do nível

subsequente. Assim, aquilo que não é pertinente em um nível, ou seja, sua substância, passa a ser o foco da análise no nível acima por comportar os traços formais de sua constituição.

Para Fontanille, o texto-enunciado tem uma dupla morfologia: de um lado, uma face formal que acolhe a coerência das figuras-signos do nível inferior dos níveis de pertinência e, de outro, uma face de substância que produz um suporte-objeto e que é, em seu limite, um dispositivo de inscrição. Este nível superior nos níveis de pertinência tem o estatuto fenomênico (ao lado da experiência) de um “corpo-objeto”.

Assim, a experiência dos objetos se dá em relação a uma segunda morfologia do objeto, que parte da noção de suporte do texto-enunciado. Por isso, a manipulação do objeto ocorre por meio de um duplo uso: como suporte de impressões e como manipulações de práticas. Essa experiência, segundo Fontanille, se converte em formas de expressão que constituem seu plano de imanência específica: uma forma sintagmática local (a superfície ou o volume da inscrição), que pode receber inscrições (como função de suporte de textos enunciados) e uma substância material, que lhe permite realizar um papel actancial ou modal nas práticas, no nível de pertinência superior.

As cenas práticas (ou situação semiótica) propostas por Fontanille não se confundem com a noção de contexto. A situação é um outro tipo de conjunto significante que se situa em um nível de pertinência superior ao texto. Assim como ocorreu nos níveis inferiores, é preciso instituir uma descontinuidade para se realizar a análise das cenas práticas. Experimentar uma situação semiótica envolve duas maneiras de compreendê-la: como a experiência de uma interação com um texto, por meio de seu suporte material ou com um ou vários objetos que se organizam em torno de uma prática; como experiência de ajustamento entre várias interações paralelas, entre várias práticas (complementares ou concorrentes).

É por meio do ato que se define a experiência mesma do sujeito, enquanto atividade vivida. Assim, as práticas possuem também duas faces: a forma sintagmática que acolhe de maneira congruente signos dos textos e dos objetos e os próprios atores da prática (é a forma-cena); a outra é a substância da expressão da cena prática, que ele chama de acomodação (dos objetivos, das consequências, dos outros atores e práticas), base para o que ele chama de estratégia.

No nosso caso em questão, o sujeito realiza sua prática de caminhar, percorrendo um determinado espaço ou território. Para isso, ele precisa mobilizar os elementos formais previamente dados pelo espaço (como, por exemplo, uma distinção banal que a oposição entre rua e calçada lhe impõe), e igualmente internalizados por ele como um saber programado, para

realizar adequadamente a finalidade de tal prática (de um modo grosseiro, sair de um ponto a outro). Desse modo, é preciso interpretar a forma do espaço, ultrapassando a substância que ela produz, para se orientar no espaço por meio tanto das valorizações das continuidades e descontinuidades em Floch (2023), assim como das categorias espaciais vistas em Fiorin (1999). Evidentemente, como praticamente todo o artigo, trata-se apenas de uma consideração inicial a partir da qual iremos retomar em detalhes a partir de trabalhos futuros.

Apresentamos nesta seção alguns postulados iniciais do caminhar. A prática do caminhar representa uma relação indissociável entre sujeito e espaço, na medida em que este já possui uma significação previamente dada ao sujeito, enquanto uma potencialidade (é o lugar enquanto falta, de que fala Certeau). É igualmente o sujeito que pode fundar o espaço por meio de um programa narrativo e passional, mas ao mesmo tempo o espaço influencia a organização cognitiva e passional do sujeito caminhante. Ademais, a forma como um sujeito ou uma coletividade usam o espaço permite acessar significações mais gerais, como os estilos ou formas de vida. O espaço, como uma linguagem, possui uma substância que se torna o acesso às formas espaciais que, em seu limite, serão interpretadas pelos sujeitos caminhantes em suas práticas, o que indica por vezes as dificuldades encontradas por conta da falta fundante do caminhar.

No entanto, para um tipo de pesquisa, é preciso ainda ter em mente questões relacionadas à metodologia que pode ser empregada para se pensar no caminhar e em como esta prática se relaciona com os objetos de uma investigação de campo no espaço urbano.

3 Metodologia para uma pesquisa de campo em semiótica: o pesquisador como caminhante

Nesta seção do artigo, vamos desenvolver algumas considerações metodológicas a partir da questão do caminhar, em direção a um diálogo com a etnossemiótica de Francesco Marsciani. Não se busca, contudo, apresentar respostas, mas sim possibilidades de uma pesquisa de campo a partir da questão do caminhar por um dado lugar.

Assim, uma primeira pergunta se impõe: O que usar para registrar a caminhada? Com o desenvolvimento tecnológico, é possível usar equipamentos como uma máquina fotográfica, uma filmadora, um gravador (para se gravar o som de um espaço urbano) e, evidentemente, um celular, que reúne distintas possibilidades de registro do caminhar.

Além disso, é preciso ter em vista se o pesquisador vai sair flanando por um espaço qualquer ou se vai planejar qual será o seu percurso. Essa questão deve ser posta antes mesmo da prospecção do espaço e, conseqüentemente, do caminhar do pesquisador, enquanto parte da

pesquisa a ser realizada. Flanar pelo espaço urbano permite ao pesquisador, por um lado, abrir-se para o imprevisto, característico do regime de acidente. Por outro lado, corre-se o risco de simplesmente não ter nada mais significativo a observar, descrever e analisar. Planejar o ato de caminhar, por meio de uma trajetória previamente estabelecida, faz o pesquisador entrar em um regime mais programado, ou seja, previsível, na medida em que se tem de antemão alguma ideia ou algum objeto a ser investigado para comprovar ou não sua hipótese inicial.

De todo modo, é preciso ainda, após o caminhar, pensar em como o registro feito durante a caminhada vai servir para a consecução da pesquisa. Assim, uma terceira pergunta se impõe: Qual o propósito de usar esses recursos? Devemos considerar um registro audiovisual como um discurso? Se sim, qual a relação entre o pesquisador e o discurso que ele próprio analisará? Ao contrário, se for uma espécie de auxílio para a experiência mesma do caminhar (um pouco na linha de uma autoetnografia), o registro audiovisual pode se manter com o mesmo estatuto da própria experiência? E se, por fim, se tratar de apenas um registro, em uma espécie de analogia audiovisual dos diários de campo tão caros aos antropólogos? Ele seria uma espécie de discurso auxiliar, desprovido da centralidade que as impressões perceptivas geram no pesquisador-caminhante? Seria uma espécie de suporte à memória mesma do pesquisador? Em suma, são questões sobre as quais não temos respostas, apenas perguntas em aberto, mas cuja pertinência nos parece ser evidente para mantermos no presente artigo.

Outra questão que surge, na linha de Marsciani (2016), trata da observação: O que observar? E o que sentir? Para Marsciani, o que o etnossemiotista deve observar e sentir é a interação da linguagem verbal com outras linguagens, como a constituição plástica dos edifícios, a circulação das pessoas nas ruas, os sons produzidos nas ruas e nos bairros, entre outros aspectos. Desse modo, é preciso entender a maneira como as diversas linguagens são sincretizadas: línguas, visualidades, práticas sociais, disposições culturais e processos de construção do espaço. Assim, a etnossemiótica se define como prática de observação, descrição e análise do comportamento dos atores em suas atividades. Mas, no caso do pesquisador que observa e sente caminhando, construindo seu próprio espaço, como se estabelecem estas categorias?

Assim, perguntas formuladas por Marsciani (2016) podem ser ampliadas ao se inserir um componente dinâmico ligado ao próprio ato de caminhar: 1) podemos aplicar o atributo da semiótica diretamente à atividade de observação?; 2) tanto a observação como o objeto observado são similares ao que se entende por signos ou textos? Isso porque não é apenas o espaço que está em devir, com seus outros sujeitos em movimento, assim como certos objetos

(carros, motos, ônibus). Nesse caso, é o próprio sujeito-caminhante-observador que está igualmente em devir, inserido nesse universo espacial em constante movimento.

Considerações finais

Apesar do caráter inicial desta pesquisa, pretendemos nesta seção amarrar algumas questões que foram abordadas no presente artigo. Parte-se da ideia de que a prática do caminhar é produtora de sentido, incluindo o sentido espacial. Contudo, essa produção não é *ex-nihilo*, ou seja, a partir do vazio, mas sim de sentidos já dados pela espacialidade a ser percorrida.

Podemos, assim, resumir algumas das questões teóricas postas anteriormente a partir das seguintes questões: sujeito constrói o espaço, mas ao mesmo tempo o espaço constrói o sujeito, sua subjetividade, suas paixões e pode indicar um estilo de vida individual ou coletivo; o espaço comporta significações dadas previamente em suas potencialidades; as significações espaciais podem ser inteligíveis e/ou sensíveis; há distintas formas de o sujeito caminhar pelos espaços, seja reagindo ao lugar, seja produzindo novas significações; o trajeto pode ser tomado como um texto a ser construído no ato mesmo do caminhar; e a paisagem semiótica é entendida como um texto sincrético.

Para uma investigação a respeito dos sentidos do espaço urbano, metodologicamente, é preciso pensar no tipo de caminhada a ser empreendida. Para isso, é preciso optar entre percursos, trajetos, passeios e encadeamentos, tal como propõe em Jean-Marie Floch (2023) em seu estudo sobre os usuários de metrô. Além disso, no caminhar, necessariamente deve-se tomar o espaço enquanto um território, ou seja, como um espaço que se caracteriza pela impermanência e pela constante movimentação dos sujeitos e dos objetos.

Além disso, é preciso estabelecer hipóteses sobre as significações do espaço a ser examinado para, em seguida, partir para a pesquisa de campo e, só assim, realizar as operações indicadas por Francesco Marsciani (2016): observar, sentir e, em seguida, descrever e analisar o percurso do caminhante.

Por fim, não como um fechamento, mas como a abertura de novos caminhos, devemos retomar as questões teóricas da semiótica discursiva e aplicá-las às análises de pesquisas de campo futuras. Só assim será possível ver os limites ainda existentes da teoria, do modo como entendemos a articulação entre caminhar e espacialidade e como tal proposição repercute nos estudos semióticos da cidade. Um primeiro passo foi dado. Cabe a nós seguirmos no caminho ou enveredarmos por novas picadas abertas por este texto.

Referências

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- DIP, Andrea; PETERS, Guilherme. “Sob constante ameaça”. *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TlzROTM5-4M&t> Acesso em: 12 mar 2022.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1999.
- FLOCH, Jean-Marie. “Você é agrimensor ou sonâmbulo? Elaboração de uma tipologia comportamental dos passageiros do metrô”. *Estudos semióticos*, v. 19, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/214848> Acesso em: 05 fev 2024.
- FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit*. Paris : Éditions Hadès-Benjamins, 1985.
- FLOCH, Jean-Marie. *Sémiotique, marketing et communication : Sous les signes, les stratégies*. Paris: PUF, 2009.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e Ciências Sociais*. Tradução Alvaro Lorencini; Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- HAMMAD, Manar. “Expressão espacial da enunciação”. *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. São Paulo: Edições CPS, 2005.
- HAMMAD, Manar. *Palmyre: Transformations Urbaines: Developpement d'Une Ville Antique de la Marge Aride Syrienne*. Paris: Librairie orientaliste Paul Geuthner, 2010.
- LANDOWSKI, Eric. “Regimes de espaço”. *Revista Galáxia, São Paulo*, n. 29, p. 10-27, jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/22804> Acesso em: 22 mar 2022
- LANDOWSKI, Eric. “O olhar comprometido”. *Revista Galáxia, São Paulo*, n. 2, p. 19-56, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1241> Acesso em: 15 jun 2021.
- MARRONE, Gianfranco. “Semiótica da cidade: corpos, espaços, tecnologias”. *Revista Galáxia, São Paulo*, n. 29, p. 28-43, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/22803/16742> Acesso em: 04 mai 2022
- MARRONE, Gianfranco. *Figure di città. Spazi urbani e discorsi sociali*. Milão: Mimesis Edizioni, 2013.
- MARSCIANI, Francesco. *Tracciati di etnosemiotica*. Milão: Franco Angeli, 2016.
- MING-LIANG, Tsai. “Walker”. *Mubi*, 2012. Disponível em: <https://mubi.com/pt/br/films/walker-2012> Acesso em: 11 mar 2022.
- PEZZINI, Izabella. “Paisagens semióticas”. *Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (Cd-Rom)*, 2013.
- URBAIN, Jean-Didier. « La trace et le territoire ». *Actes sémiotiques*, n. 117, 2014. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5277> Acesso em: 14 mar 2021.

WALKS and the City. “Relaxing Night Walk in NEW YORK CITY - 8th Avenue, MANHATTAN Tour NYC”. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6y5CqAHxGX0> Acesso em: 25 jul 2024.

Recebido em 29 de julho de 2024
Aceito em 05 de setembro de 2024